



De Hans-Georg Gadamer para Walter Benjamin, no meio Paul Celan e o “Acúmulo de palavras” [Wortaufschüttung]

To Hans-Georg Gadamer from Walter Benjamin, in the Middle, Paul Celan and the *Wortaufschüttung*

Jorge Freitas*

Resumo: A partir da leitura de Hans-Georg Gadamer do poema “Acúmulo de palavras” [*Wortaufschüttung*], de Paul Celan, publicado no ciclo de poemas *Hausto-cristal* [*Atemkristall*], de 1965, este artigo analisa algumas hipóteses que sugerem um redirecionamento da interpretação proposta por Gadamer em direção a um viés de teoria historiográfica cuja matriz residiria em Walter Benjamin, iluminando, desse modo, uma outra possibilidade de leitura do poema de Celan.

Palavras-chave: Gadamer. Benjamin. Celan.

Abstract: Starting from the reading of Hans-Georg Gadamer on the poem “*Wortaufschüttung*”, by Paul Celan, published in the cycle of poems *Atemkristall*, in 1965, this communication aims to analyze the hypotheses that suggest a redirection of the interpretation proposed by Gadamer toward a bias of theory historiographical whose matrix would be to Walter Benjamin, illuminating, this way, a further possibility of reading of Celan’s poem.

Keywords: Gadamer. Benjamin. Celan.

Na esteira de Friedrich Nietzsche, em *A genealogia da moral*, para quem toda forma de interpretação é uma violência, este artigo pretende realizar uma leitura de segunda ordem, isto é, forçar a interpretação que Hans-Georg Gadamer realiza do poema tardio “Acúmulo de palavras” [*Wortaufschüttung*], de Paul Celan, na direção de uma leitura benjaminiana, cujo caráter principal é o de iluminar uma outra concepção de história.

Como se sabe, esta seria uma concepção não homogênea e linear, mas pelo contrário, descontínua e atenta aos momentos de irrupção, ou atualização, do passado na constituição do presente. A partir desse caráter e, diferentemente de noções matemáticas, em que a negatividade confrontada com a negatividade produz a positividade, instauramos nossa leitura no negativo, na violência que a poesia celaniana impõe ao seu leitor.



Desse modo, já de início, divergimos de Gadamer, para quem a poesia de Celan traça um caminho em direção à abertura para a restituição da palavra. Para o crítico, a poesia conduz a palavra luz. Em nossa proposta, a poesia celaniana conduz à imobilização da própria palavra em uma estrutura antagônica que, conforme dá-se a ver no discurso “O Meridiano” [*Das Meridian*], questiona os caminhos da possibilidade da poesia ao perguntar se ela, a poesia, deve se contentar a ser uma arte das engrenagens afeita aos procedimentos técnicos que lhe estão disponíveis, ou se deve ser capaz de ocasionar “mudança na respiração” (CELAN, 1996, p. 54). Em nosso procedimento de leitura contra a violência da hermenêutica de Gadamer e, conseqüentemente, contra a poesia de Paul Celan, resta-nos saber se a poesia, a palavra celaniana, é capaz de coadunar com a proposta de Benjamin acerca da necessidade de uma mudança radical no curso da história.

O poema de Celan, “Acúmulo de palavras”, é composto de quinze versos divididos em três estrofes irregulares que se iniciam com o dístico: “Acúmulo de palavras, vulcânico, /sob o rugir do mar” (CELAN citado por GADAMER, 2005, p. 110),¹ sobre o qual Gadamer afirma: “Ele fala do acontecimento da palavra como se falasse de uma explosão vulcânica que distingue o acontecimento da palavra da atividade cotidiana da fala” (GADAMER, 2005, p. 111).

Inicialmente, é indiscutível o tom heideggeriano que a interpretação assume ao realizar a distinção entre o acontecimento da palavra poética e a palavra dita cotidiana, pois, para Heidegger, a palavra poética é o mais alto grau da linguagem, àquela capaz de ouvir os apelos do ser e de instituir morada para o homem.² Voltando à Gadamer, a palavra poética acontece como se fosse uma explosão, cuja força não pode ser medida ou comparada à mera língua instrumentalizada da comunicação.³ Assim, têm-se um primeiro direcionamento, a saber, a existência da dualidade entre a palavra poética e a comunicativa. Cabe-nos então identificar os primeiros indícios que possibilitam a torção da interpretação gadameriana.

Como dito anteriormente, a palavra poética é vulcânica e, segundo Gadamer, ela é, sobretudo, “uma configuração petrificada de erupções de vida precedentes e como a criação dessa configuração, recoberta por um mar que ondula monotonamente e vai consumindo tudo” (GADAMER, 2005, p. 111). Procedamos então por partes: a) a palavra poética é uma “configuração petrificada de erupções de vida precedentes”: temos aqui, talvez, a adoção à noção de que a palavra poética é constituída de diversos momentos de vidas que a precedem e se unem na espécie de uma constelação calcária que se imobiliza como um acúmulo de rochas sob a espumosa espessura do mar.



É possível, se estivermos atentos, escutar um distante eco benjaminiano, pois, o que é a história para Benjamin senão um acúmulo incessante de ruínas e discursos obscurecidos pelo historicismo dominante que carrega a bandeira dos vencedores? Traçamos, assim, o primeiro paralelo: a palavra poética celaniana, que reclama a irrupção de uma outra língua no interior das palavras que petrificadamente se acumulam, assemelhar-se-ia àquela história que jaz subterraneamente ao discurso dos vencedores e ao caráter vazio e homogêneo da contagem de tempo linear do historicismo. Contudo, o que nos legitima a torcer a leitura de Gadamer e ler a palavra poética como história do outro? Precisamente, se lermos a corrente subterrânea que percorre a totalidade da obra celaniana, isto é, a experiência do negativo em sua escala mais radical, a barbárie instrumentalizada e executada à maneira fabril, o massacre da Shoah, como uma espécie de história rememorativa afeita a abertura para a possibilidade de trazer à tona as ruínas e os rastros obscurecidos pelo discurso histórico oficial.⁴

No caso específico de Paul Celan, o que talvez se ilumine é a memória daqueles cuja linguagem recai no mais absoluto silêncio – o silêncio do cadáver transformado em cinza. É nesse ponto, ao submeter a palavra poética à história como rememoração, que nós nos afastamos radicalmente de Gadamer, pois, segundo o hermeneuta “é sempre o poema que fala nessa incerteza e nessa aproximação, e não um indivíduo que confia seus sentimentos e suas vivências a alguém” (GADAMER, 2005, p. 44), ou seja, ele desconsidera as experiências singulares, os fatos e as datações históricas que subterraneamente percorrem a letra celaniana e entende cada poema como “uma mensagem na garrafa” (CELAN, 1999, p. 34) direcionada a um leitor empenhado em ouvir a mensagem.⁵

Contudo, segundo Costa Lima, há em Celan um evento “originador inequívoco” (COSTA LIMA, 2012, p. 321) de sua poesia. É, justamente, a ocorrência desse evento na poesia celaniana que, por vezes, se manifesta de modo menos hermético como nos poemas “Fuga da Morte” [*Todesfuge*] e “Salmo” [*Psalm*] e, outras vezes, de modo extremamente cifrado como em “Álamo” [*Espenbaum*] e “Brincando com machados” [*Mit Äxten Spielend*], que nos legitima a reclamar a necessidade de um “leitor como escavador” capaz de ver na imobilidade da acumulação dos momentos precedentes da configuração da palavra poética a possibilidade de despertar a força vulcânica inerte na poesia e explodir o calcário e a petrificação que a envolve palavra do poeta dando-a ver a irrupção dos momentos precedentes que a constituem e, conseqüentemente, a negatividade da memória daqueles que aguardam a restituição de suas vozes. Vejamos que tal “leitor escavador não é muito distante daquele historiador reclamado por Benjamin no fragmento “Escavar e recordar”, visto que o método de ambos deve ser o mesmo: utilizar a memória como um meio de prospecção do passado a fim



de reconstruir as narrativas soterradas desse último, descobrindo as cidades soterradas e os caminhos submersos.

Desse modo, o “leitor como escavador” ao se deparar com uma poesia singular como a de Celan, não deve, citando Benjamin (2012, p. 245-246) temer “voltar sempre ao mesmo fato, espalhá-lo como se espalha a terra, revolvê-lo como se revolve o solo”, pois, talvez, seja por debaixo da bela aparência que reveste as palavras, por trás da busca pela restituição de uma linguagem que seja verdadeiramente poética nos termos gadamerianos e heideggerianos, que reside, suja de terra, a mensagem da poética celaniana: a necessidade da consolidação de uma poesia autorreflexiva e atenta às ruínas que se acumulam no seu processo de feitura.

Ainda, acerca da configuração petrificada das vidas passadas que constituem a experiência da linguagem, é necessário atentar para a possível proximidade entre os momentos de irrupção da palavra poética, entendidos como momentos de explosão capaz de interromper a configuração da linguagem cotidiana, e a irrupção dos momentos do agora da cognoscibilidade destacados por Benjamin acerca da imagem-dialética. Ou seja, nesses momentos benjaminianos, no qual um determinado acontecimento do passado relampeja, sugerindo a possibilidade de interrupção da narrativa do presente e o redirecionamento desse último a partir deste acontecimento que ao relampejar se atualiza, poderíamos, talvez, visualizar, no dístico celaniano, uma constituição similar, de modo que, a língua da palavra poética anseia por se iluminar rompendo a petrificação e a inércia da corrente monótona da palavra que comunica e resume o não idêntico ao seu antagônico, o sempre igual.

É, justamente, essa a dualidade de que nos fala Gadamer acerca do dístico inicial de Celan, de um lado a força da palavra poética em sua capacidade de explosão do *continuum* e de outro a palavra que monotonamente vai consumindo tudo. Dualidade que, em nossa leitura, não é senão a dialética tensionada da visão benjaminiana da história: de um lado as ruínas do passado carregadas de sua energia explosiva – em termos de análise da poética de Celan: os rastros dos exterminados, os derrotados da história – de outro a história linear e progressiva constituída, sobretudo, pela casualidade e pela empatia com o vencedor. Entretanto, longe da síntese positiva da leitura gadameriana residente na ascensão da palavra luz (palavra que restitui e apazigua a tensão entre as palavras, visto que, ao fim e ao cabo, na leitura do hermeneuta, a palavra poética saíra vencedora no confronto com a palavra comunicativa pela expressão genuína das coisas), não há, nessa tensão entre histórias, uma síntese apaziguadora, na qual os mortos são restituídos e se abre a possibilidade para o



humano, mas pelo contrário, subsiste nesse jogo de discursos da história o gosto amargo do negativo, da não resolução e a repetição incessante dos barbarismos.

A segunda estrofe do poema celaniano diz o seguinte:

No alto
a turba em ondas
de contracriaturas: ela
hasteou a bandeira – retrato e cópia
cruzam vaidosos o tempo.

(CELAN citado por GADAMER, 2005, p. 110)⁶

Aqui, a interpretação de Gadamer expõe a inundação da palavra poética pelas contracriaturas [*Gegengeschöpfe*], uma turba de “criaturas sem nome, sem origem e sem pátria” (GADAMER, 2005, p. 111), que são cópias, retratos e simulacros da palavra verdadeira. Podemos, a princípio, nos identificarmos com tais contracriaturas impelidas a torto e direto na continuidade do tempo vazio, cujas afirmações são mediadas pelos valores superficiais da comunicabilidade, da exposição em massa e, sobretudo, da redução a paradigmas identitários horizontais.

Segundo uma afirmação importante de Gadamer, essas contracriaturas estão “à deriva, sem direção e sem fim, impelidas no entanto de tal modo pelo ‘tempo’ a ponto de não terem duração” (GADAMER, 2005, p. 111, grifo nosso), ou seja, não se trata apenas de serem contracriaturas distantes da linguagem poética, assimiladas à turba da comunicação, mas estão também à deriva no tempo e impelidas a frente de modo a não serem incluídas na duração temporal, logo, talvez, estejam fora do tempo – olhando esse último de alguma distância. É nesse ínterim que surge a especulação de uma possível similaridade entre as contracriaturas celanianas e o anjo da história de Benjamin residente, sobretudo, na condição de estar à deriva no tempo.

A imagem do *Angelus Novus*, de Paul Klee, inspiração para a nona tese “Sobre o conceito de história”, de Benjamin, por si mesma já sugere a ideia de uma contracriatura, pois ao visualizarmos tal imagem, em nada ela lembra a iconografia comum dos anjos. A pintura, datada de 1920, retrata a um anjo que “foi destituído de sua pureza originária” e “não encarna mais a beleza e a serenidade” (BAPTISTA, 2008, p. 132). Ele possui os olhos arregalados diante do espanto que têm a sua frente, a boca entreaberta revela que suas presas afiadas, as asas retorcidas parecem atrofiadas, mas, na verdade, estão impelidas na direção contrária ao seu desejo, as pernas se afunilam em duas patas com garras, a complexão humana de sua face se contrasta com a bestialidade de sua expressão, é, enfim, um híbrido, uma contracriatura. Acerca dessa figura monstruosa, Benjamin diz que ela possui



[...] os olhos esbugalhados, a boca escancarada e as asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Voltou o rosto para o passado. A cadeia de fatos que aparece diante dos nossos olhos é para ele uma catástrofe sem fim, que incessantemente acumula ruínas sobre ruínas e lhas lança aos pés. Ele gostaria de parar para acordar os mortos e reconstruir, a partir dos seus fragmentos, aquilo que foi destruído. Mas do paraíso sopra um vendaval que se enrodilha nas suas asas, e que é tão forte que o anjo já não consegue fechar. Esse vendaval arrasta-o imparavelmente para o futuro, a que ele volta as costas, enquanto o monte de ruínas à sua frente cresce até o céu. Aquilo que chamamos o progresso é este vendaval. (BENJAMIN, 2012, p. 14).

A emblemática alegoria, entre outros significados, revela o desejo benjaminiano da história: qual seja, o de imobilizar o fluxo temporal e, a partir da atualização dos fragmentos do passado, reconstruir os discursos arruinados pela marcha historicista capitaneada pela ideologia do progresso. Contudo, o que nos interessa aqui é mostrar as possíveis afinidades entre o anjo da história e a contracriatura celaniana. Ambos, o anjo e a contracriatura, estão à deriva no tempo e parecem observar o que acontece nesse tempo; a contracriatura observa a inundação da linguagem poética pela linguagem comunicativa; o anjo, por sua vez, observa as ruínas da história dos vencidos se acumularem em face da afirmação de um discurso histórico homogêneo. Ambos parecem não ter força para imobilizarem os fluxos da linguagem e do tempo e instaurarem uma modificação no direcionamento em que estão sendo impelidos, o anjo rumo ao futuro, amparado pela crença no progresso; e a contracriatura impelida pelas ondas da linguagem comunicativa em direção ao falatório [*Gerede*] ausente de qualquer significação que não seja a da superficialidade. Ambos estão à deriva no tempo, isto é, não conseguem se fixar perante a dominância das hegemonias, estão condenados a vagarem eternamente por um tempo que não lhes pertence.

Dando continuidade a leitura do poema celaniano, chegamos a terceira e última estrofe:

Até que arremesses daqui
a palavrália, de onde
vem o milagre da vazante
e a cardi-
forme cratera
nua testemunhe os primórdios,



os nascidos

reis. (CELAN citado por GADAMER, 2005, p. 110).⁷

Para Gadamer, a preposição “até” que dá início a estrofe modifica, radicalmente, o direcionamento do poema, pois se, na leitura gadameriana, a palavra poética havia se perdido na torrente da linguagem comunicativa, tem-se aqui um redirecionamento, no qual a poesia ressurgem em uma “palavralua” [*Wortmond*], definida pelo hermeneuta como uma “palavra redonda, luminosa, que sempre volta a ser nova, redonda e reluzente” (GADAMER, 2005, p. 112). É possível escutar os ecos de uma pretensa positividade invadir o poema de Celan, por meio da leitura de Gadamer que, ao acompanhar os ciclos da Lua, acredita que a palavralua irá promover o “milagre da vazante” capaz de remover “todo o amontoado linguístico convencional” (GADAMER, 2005, p. 112).

É, enfim, uma palavra de luz que redime a palavra poética ao silenciar o falatório das conversas vazias e dos falsos poemas, dando a ver o que Gadamer, na esteira de Heidegger, chama de “poema verdadeiro”, aquele poema capaz de, não apenas tocar as profundezas e os fundamentos da linguagem, como também de se constituir como um pensar mais originário e atento aos apelos do ser, em que as esferas do *logos* e da *poiesis* não estão dissociados – a *Dichtung* heideggeriana. Contudo, como falar em ser, restituição, positividade ou redenção em um poeta como Celan, cuja vida e a poesia são profundamente marcados pela barbárie e pelo apagamento do ser? Mas, a “palavralua” está ali –, precedendo o milagre da vazante e o testemunho do nascimento de reis. É possível, então, dizermos que, além de toda negatividade da poesia celaniana, subsiste a probabilidade de uma redenção capitaneada pelo nascimento dos reis, os novos Messias? São questões de difícil acesso, mas, a fim de finalizarmos o presente artigo, apostamos que não existe em Celan qualquer vestígio de redenção.

Na última frase das teses “Sobre o conceito de história”, Benjamin revela a sua espera pelo Messias que poderia entrar por uma frágil e estreita porta trazendo o recomeço e a redenção para as ruínas que se acumularam na marcha progressista da história. É aqui, justamente, em que especulamos que Celan se afasta não só de Benjamin como de Gadamer e traça um caminho distante de ambos os pensadores. Pois, apesar do vocabulário que remete à tradição mística judaica, julgamos não haver em Celan a esperança místico-redentora que subsiste em Benjamin e nem a confiança na potência restituidora da linguagem. O que parece existir são apenas lampejos, iluminações de luz lunar distante que revela os vestígios de uma memória que se acumula no negativo mais profundo da consciência do poeta, cuja rememoração ultrapassou a própria força de vida do poeta. O milagre de que Celan fala, a meu ver, seria o milagre da recuperação



desses vestígios e da colocação da palavra poética em direção aos testemunhos⁸ daqueles que nasceram reis e terminaram no fragmentário destino das cinzas.

Por fim, começamos o artigo falando sobre violência, como a violência da interpretação atua sobre a autonomia do texto, mas, julgamos que algo mais violento sobrevive no texto celaniano e escapa a qualquer possibilidade de redução identificatória, e em Celan temos vários exemplos de uma negatividade tão violenta que qualquer rastro de positividade é arrasado, como sugerem, por exemplo, os versos iniciais do poema “Salmo”:

Ninguém nos moldará de novo em terra e barro,
Ninguém animará pela palavra o nosso pó.
Ninguém.
(CELAN, 1993, p. 103).⁹

* **Jorge Freitas** é Mestre em Estética e Filosofia da Arte pelo Instituto de Filosofia, Arte e Cultura da Universidade Federal de Ouro Preto. Doutorando em Teoria Literária pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.

Notas

¹ “WORTAUFSCHÜTTUNG, vulkanisch, / meerüberrauscht.” (CELAN citado por GADAMER, p. 110).

² Conseguimos visualizar essas concepções heideggerianas, sobretudo, nos seguintes ensaios: “Sobre o “humanismo” – Carta a Jean Beaufret, Paris”, no qual o filósofo afirma que a “libertação da linguagem dos grilhões da Gramática e a abertura de um espaço essencial mais originário está reservado como tarefa para o pensar e o *poetizar*.” (HEIDEGGER, 1983, p. 347, grifo nosso), e em “Poeticamente o homem habita...”, de modo que, segundo Heidegger: “Dizem que é a poesia que permite ao habitar ser um habitar. Poesia é deixar-habitar, em sentido próprio. Mas como encontramos habitação? Mediante um construir. Entendida como deixar-habitar, poesia é um construir.”(HEIDEGGER, 2012, p. 167).

³ Cabe ressaltar, ainda, em uma matriz heideggeriana, que a mera linguagem como comunicação é fruto da primazia da técnica capaz de fazer com que “o homem da técnica” se “entregue aos meios de comunicação de massa” podendo “ser levado a uma estabilidade segura através de um recolhimento e ordenação de seu planejar e agir como um todo, correspondente à técnica.” (HEIDEGGER,



1983, p. 367). Em outros termos, o homem, cuja língua é a da mera comunicação, sucumbe à técnica e passa a figurar como um simples aparato instrumental.

⁴ Benjamin (2009), no Projeto das *Passagens*, apresenta em resposta à carta de 16 de março de 1937, de Max Horkheimer, a ideia da história não apenas como “uma ciência, mas igualmente uma forma de rememoração. O que a ciência “estabeleceu”, pode ser modificado pela rememoração. Esta pode transformar o inacabado (a felicidade) em algo acabado, e o acabado (o sofrimento) em algo inacabado.” (BENJAMIN, 2009, p. 513 [N 8,1]).

⁵ Luiz Costa Lima, em interpretação sobre Celan, destaca que “o ponto central da hermenêutica” de Gadamer se “desenvolvera sob a sombra de Heidegger”, precisamente sob a noção de que “o texto poético encontra sua finalidade em si mesmo e, por isso (?!), basta-se a si próprio para se comunicar com o leitor.” (COSTA LIMA, 2012, p. 345).

⁶ “*Oben/ der flutend Mob/ der Gegenschöpfe: er/ flaggte – Abbild und Nachbild/ kreuzen eitel zeithin.*” (CELAN citado por GADAMER, 2005, p. 110).

⁷ “*Bis du den Wortmond hinaus-/ schleuderst, von dem her/ das Wunder Ebbe geschieht/ und der herz-/fömige Krater nackt für die Anfänge zeugt, die Königs-/geburten.*” (CELAN citado por GADAMER, 2005, p. 110).

⁸ Ricardo Foster, no artigo “La barbarie de la lengua y el judaísmo como memoria: Paul Celan”, corrobora com essa ideia ao afirmar que a poesia de Celan apresenta “la necesidad imperiosa del recordar” (FORSTER, 2012, p. 255).

⁹ “*Niemand knetet uns wieder aus Erde und Lehm,/ niemand bespricht unsern Staub. Niemand.*” (CELAN, 1993, p. 102).

Referências

BAPTISTA, M. R. Sobre anjos e folhas secas: em torno do *Angelus Novus* de Paul Klee. *Horizonte*. Belo Horizonte, v. 7, n. 13, p. 127-141, dez. 2008.

BENJAMIN, Walter. *O Anjo da História*. Trad. João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Trad. Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

BENJAMIN, Walter. Escavar e recordar. In: _____. *Obras Escolhidas II*. Rua de Mão Única. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CELAN, Paul. *A arte poética: O meridiano e outros textos*. Trad. João Barrento e Vanessa Milheiro. Lisboa: Cotovia, 1996.



CELAN, Paul. *Sete rosas mais tarde*: antologia poética. Trad. João Barrento e Y. K. Centeno. Lisboa: Cotovia, 1993.

COSTA LIMA, Luiz. 3. Paul Celan. In: _____. *A ficção e o poema* – Antônio Machado, W. H. Auden, P. Celan, Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

FORSTER, Ricardo. La barbarie de la lengua y el judaísmo como memoria: Paul Celan. In: NASCIMENTO, Lyslei; JEHA, Julio (Org.). *Estudos judaicos: Shoá, o mal e o crime*. São Paulo: Humanitas, 2012.

GADAMER, H. G. *Quem sou eu, quem és tu?*: comentário sobre o ciclo de poemas *Hausto-Cristal* de Paul Celan. Trad. Raquel Abi-Sâmara. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2005.

HEIDEGGER, M. Sobre o “humanismo” – Carta a Jean Beaufret, Paris. In: HEIDEGGER, M. *Conferências e escritos filosóficos*. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

HEIDEGGER, M. ...Poeticamente o homem habita... In: _____. *Ensaios e conferências*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel e Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012.